http://dx.doi.org/10.22420/rde.v19i44.1979

Educação especial na perspectiva freiriana: *um relato de experiência inclusiva*

Special education from a Freirean perspective: *an inclusive experience report*

La educación especial desde una perspectiva freireana: *un relato de experiencia inclusiva*

MARLI KACZMAREK*
Prefeitura Municipal de Araucária, Araucária – PR, Brasil.

LUIS FERNANDO LOPES**
Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati – PR Brasil.

CLEUZA OLIVEIRA DE SOUZA MELO***
Prefeitura Municipal de Araucária, Araucária – PR, Brasil.

RESUMO: Refletir sobre a prática pedagógica faz parte da natureza do processo de ensino e aprendizagem. Assim, aproximar-se da concepção freiriana na educação especial como um dos caminhos possíveis, na perspectiva da democratização e da humanização, configura a intenção deste relato de natureza quanti-qualitativa e objetivo descritivo. Tem-se como fonte um trabalho pedagógico realizado de agosto a outubro de 2023, na modalidade de educação especial (área da deficiência intelectual associada ou não a outras deficiências), com exemplos teóricos e práticos. A concepção freiriana no atendimento educacional especializado colabora para um processo fundamentado no respeito à dignidade humana que constitui a diversidade; e no trabalho pedagógico com crianças e adolescentes, torna-se um dos caminhos possíveis para a democratização

* Mestre em Educação. Professora da Educação Básica na modalidade de Educação Especial na Prefeitura Municipal de Araucária. *E-mail*: <marlikaczmarek@gmail.com>.

** Doutor em Educação. Professor do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati. *E-mail*: <fernandocater@gmail.com>.

*** Especialista em Educação. Professora da Educação Básica na modalidade de Educação Especial na Prefeitura Municipal de Araucária. *E-mail*: <cleuzamel40@gmail.com>.

e humanização nas relações sociais da educação básica pública, modalidade de educação especial.

Palavras-chave: Educação Básica. Crianças. Adolescentes. Paulo Freire.

ABSTRACT: Reflecting on pedagogical practice is inherent to the teaching and learning process. On this account, the goal of this quantitative and qualitative report with a descriptive objective is to approach the Freirean conception in special education as one of the possible ways towards democratization and humanization. This article draws on a pedagogical study carried out from August to October 2023 in the field of special education (the area of intellectual disability, whether or not associated with other disabilities), with theoretical and practical examples. The Freirean conception of specialized educational services contributes to a process grounded in respect for the human dignity that constitutes diversity. Considering the pedagogical work with children and adolescents, it becomes one of the possible paths towards democratization and humanization in the social relations of public basic education and in the field of special education.

Keywords: Basic education. Children. Adolescents. Paulo Freire.

RESUMEN: Reflexionar sobre la práctica pedagógica es parte de la naturaleza del proceso de enseñanza y aprendizaje. Así, abordar la concepción freireana en educación especial como uno de los caminos posibles, desde la perspectiva de la democratización y humanización, configura la intención de este relato de carácter cuantitativo-cualitativo y objetivo descriptivo. La fuente es un trabajo pedagógico realizado de agosto a octubre de 2023, en la modalidad de educación especial (área de discapacidad intelectual asociada o no a otras discapacidades), con ejemplos teóricos y prácticos. La concepción freireana de los servicios educativos especializados contribuye a un proceso basado en el respeto a la dignidad humana que constituye la diversidad; y en el trabajo pedagógico con niños, niñas y adolescentes, se convierte en uno de los caminos posibles para la democratización y humanización de las relaciones sociales en la educación básica pública, modalidad de educación especial.

Palabras clave: Educación básica. Niños/as. Adolescentes. Paulo Freire.

Introdução

Refletir e agir no âmbito da educação básica por meio da práxis pedagógica conjunta em um Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado – CMAEE-AI, na modalidade de educação especial, área da deficiência intelectual associada e visual associada ou não a outras deficiências, configura-se um desafio cotidiano.

Vale mencionar que a Emenda Constitucional nº 45, de 30 de dezembro de 2004, expressa no parágrafo 3º do artigo 5º: "os tratados e convenções internacionais sobre direitos humanos que forem aprovados, em cada Casa do Congresso Nacional, em dois turnos, por três quintos dos votos dos respectivos membros, serão equivalentes às emendas constitucionais" (BRASIL, 2004). Contudo, ainda que a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência possua status constitucional, seguindo os ritos necessários aplicáveis a tratados de direitos humanos, há um longo caminho a ser percorrido para a sua concretização.

Impulsionar novas formas de ação e reflexão que contribuam para um processo fundamentado no legítimo respeito à dignidade humana, constituinte da diversidade, ainda figura como busca incansável. Diante do longo e complexo caminho formativo envolvendo o processo de ensino e aprendizagem, pode-se encontrar, por meio da introdução das contribuições da concepção freiriana no trabalho pedagógico, um dos caminhos possíveis para contribuir com o processo inclusivo.

Este relato de experiência, de natureza quanti-qualitativa e com objetivo descritivo, tem como fonte de análise o recorte de um trabalho pedagógico realizado no período de agosto a outubro de 2023, na modalidade de educação especial – área da deficiência intelectual associada ou não a outras deficiências – da educação básica pública. Apresentam-se alguns exemplos teóricos e práticos que constituem elementos para novos e melhores aprofundamentos.

A análise do atendimento educacional especializado – AEE e do seu impacto na democratização e humanização das relações sociais revela a importância da função social da educação pública na promoção da humanização. As contribuições de Paulo Freire, com sua pedagogia crítica e libertadora, oferecem um caminho profícuo para reflexão e ação nesse contexto. Assim sendo, o presente relato busca, inspirado no legado de Paulo Freire, tecer reflexões acerca do AEE, da democratização e da humanização das relações sociais, com o intuito de contribuir para a construção de uma educação pública mais justa, inclusiva e transformadora.

Paulo Freire: legado e contribuições

Embora muitos/as autores/as tenham contribuído para o campo da educação, a obra de Paulo Freire se destaca por sua singularidade e seu impacto, com um legado que merece ser aprofundado e reconhecido em sua totalidade. Nem sempre as afinidades identitárias profissionais envolvendo autores/as podem ser manifestadas, no entanto, em sala de aula e espaços educacionais alguns recursos (decorações, atividades, organização de carteiras, móveis e materiais didático-pedagógicos) podem denotar concepções, pois:

> Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade, mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência (FREIRE, 1996, p. 61).

Pode ocorrer que, no esforço de professores/as, algum conteúdo seja deflagrado sem que estivesse metodicamente planejado, o que, diante de curiosidade, interesse e esforço crítico das crianças e adolescentes precisa ser respeitado. Assim, em meio aos recursos disponíveis em uma das salas de aula aqui analisadas, encontrava-se uma imagem num porta-retratos do educador, professor e filósofo Paulo Freire com a seguinte frase: "A educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem" (FREIRE, 1967, p. 97).

Sendo a curiosidade uma das características presentes em todo processo que envolve o aprender e ensinar, mesmo os/as estudantes que ainda não dominavam a leitura e escrita passaram a perguntar quem era o retratado e o que estava ali escrito, sendo que o nome de Paulo Freire em caixa alta facilitava a leitura e as tentativas de leitura. Nesse sentido, partindo do interesse e da curiosidade dos/das alunos/as, as atividades podem se desenvolver de forma inesperada, abrindo espaço para novas descobertas e aprendizados que não haviam sido previstos no planejamento inicial, pois:

> Numa visão libertadora, não mais 'bancária' da educação, o seu conteúdo programático já não involucra finalidades a serem impostas ao povo, mas, pelo contrário, porque parte e nasce dele, em diálogo com os educadores, reflete seus anseios e esperanças (FREIRE, 2013, p. 102).

Diante dos anseios e esperanças que movem o cotidiano da educação, e a partir da curiosidade de crianças e adolescentes por Paulo Freire, desencadearam-se outras curiosidades, graças a um vídeo dirigido a crianças com a biografia de Paulo Freire, narrada por Mirele Firmino Menezes (2021) e disponível no Youtube.

Após ouvir e visualizar a narrativa, algumas crianças e adolescentes fizeram suas releituras e recontos evidenciando outras curiosidades: do que ele morreu? Como era o nome de sua esposa? Quiseram ouvir a voz de Paulo Freire; houve pedidos para

desenhá-lo, fazer gravações, emprestar livros, dar livros de presente; também houve identificação com Paulo Freire porque ele usava óculos, levando-nos a concordar que:

> a questão fundamental diante de que devemos estar, educadoras e educadores, bastante lúcidos e cada vez mais competentes, é que nossas relações com os educandos são um dos caminhos de que dispomos para exercer nossa intervenção na realidade a curto e a longo prazo (FREIRE, 1997, p. 53).

Nas relações com as crianças e adolescentes, por meio do contato com a narrativa envolvendo a biografia de Paulo Freire, foi retomada a questão das diferentes idades e feitas observações sobre o ano do vídeo e sobre quantos anos teria Paulo Freire nessa gravação, ocorrendo associações com pais e avôs. Inicialmente, os/as estudantes buscaram respostas para suas curiosidades. Em seguida, encarou-se o desafio de aprender a pesquisar juntos/as, reconhecendo que o conhecimento é vastíssimo e que todos/as nós, mesmo os/as mais experientes, sabemos apenas uma pequena parte.

No decorrer dos trabalhos, percebeu-se a necessidade da aquisição de literatura infantojuvenil que correspondesse, de alguma forma, à curiosidade dos/das estudantes. Assim, trabalhou-se com a leitura do livro *Paulinho gostava de ler e escrever: Paulo Freire para crianças*, de José Renato Polli e Gustavo Tavares, publicada em 2013.

O interesse manifestado pelas crianças em desenhar Paulo Freire em diferentes perspectivas encontradas na obra mencionada – jovem, em sua casa, na infância, com amigos e com animais – levou-nos a considerar que

> O *insight* cinematográfico de Paulo Freire nos desafia a pensar que a concepção de mundo, além do que desenvolvemos com própria experiência, não é formada apenas através do contato com outras pessoas e leituras, mas também com imagens (BERINO, 2017, p. 09).

Considerando também a representação por meio de imagens, outras curiosidades e dúvidas se apresentaram para nós professores/as, pois:

> a escola democrática não apenas deve estar permanentemente aberta à realidade contextual de seus alunos, para melhor compreendê-los, para melhor exercer sua atividade docente, mas também disposta a aprender de suas relações com o contexto concreto. Daí a necessidade de, professando-se democrática, ser realmente humilde para poder reconhecer-se aprendendo muitas vezes com quem sequer se escolarizou (FREIRE, 1997, p. 67).

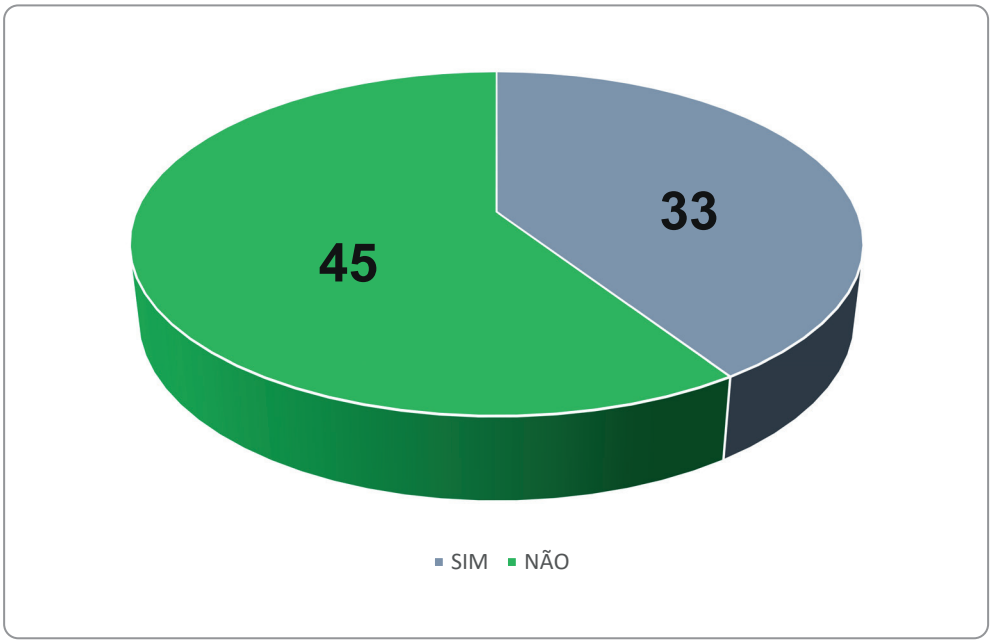
Em tempos de exacerbação tecnológica, capitalismo e competitividade, tal humildade pode ser ainda mais desafiadora do que na época de Freire. Essa dificuldade pode intensificar as desigualdades, especialmente no acesso à educação e às oportunidades.

Assim, a partir do interesse por Paulo Freire, surgiu a motivação para a realização de uma pesquisa amostral com professores/as, de cunho aleatório, envolvendo duas questões: 1) Em algum momento de sua trajetória profissional alguma criança e/ou estudante

falou sobre Paulo Freire? 2) Em algum momento de sua trajetória profissional, conversou com alguma criança e/ou estudante sobre Paulo Freire?[1]

Na sequência, foi encaminhado um link do *Google Forms* contendo as duas questões, cujos resultados são apresentados a seguir:

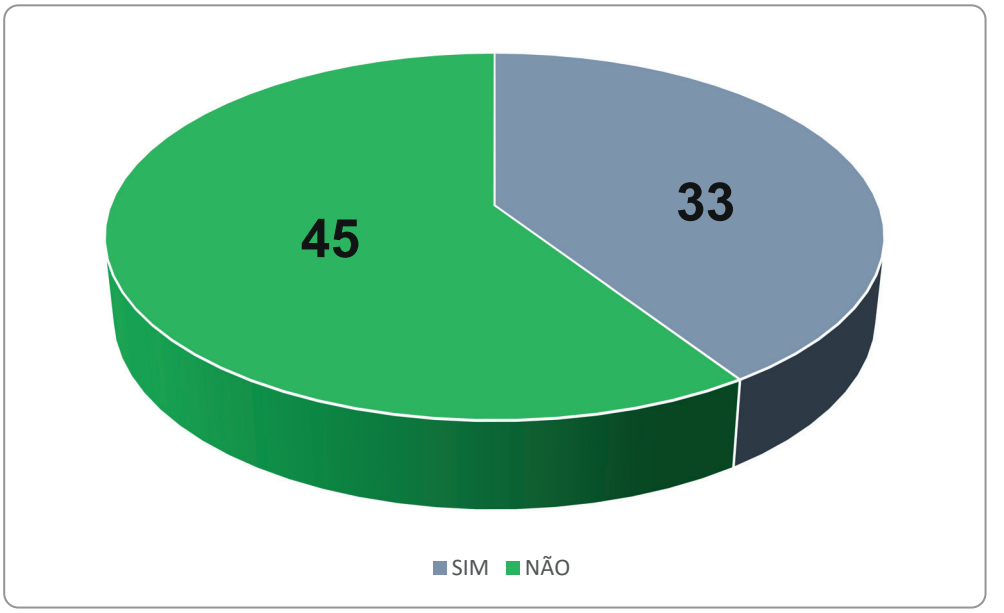
Gráfico 1: Em algum momento de sua trajetória profissional, alguma criança e/ou estudante falou sobre Paulo Freire?



Fonte: Dados da amostra, 2023.

Nota-se nas 78 respostas apresentadas que os/as estudantes falaram sobre Paulo Freire, e que a margem entre o *sim* (33 respostas) e o *não* (45 respostas) ainda pode ser superada. Do mesmo modo, é possível reconhecer e socializar ainda mais os pressupostos defendidos por Freire, bem como realizar novas pesquisas amostrais a respeito de que conteúdo ou assuntos são presentificados.

Gráfico 2: Em algum momento de sua trajetória profissional, conversou com alguma criança e/ou estudante sobre Paulo Freire?



Fonte: Dados da amostra, 2023.

Considerando que Paulo Freire é declarado patrono da educação brasileira desde 2012, nos termos da Lei nº 12.612 de 13 de abril de 2012 (BRASIL, 2012), os dados podem refletir a necessidade de continuar expressando seus ideais e ideias fundantes para uma sociedade que respeite e reconheça a necessidade e a importância de valores inclusivos, justos, livres e solidários, na perspectiva da democratização e humanização das relações sociais.

Tais pressupostos que visam também uma concepção libertadora de educação, implicando em maior responsabilidade dos/das sujeitos/as na abertura para a escuta e o diálogo, refletindo anseios e esperanças que não prescindem, dialeticamente, da ação, da reflexão e do amor:

> Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não. Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (FREIRE, 2013, p. 80).

Dessa forma, sendo o amor dialógico, implicando em ato de compromisso com sujeitos/as e não de dominação, o medo também precisa ser ressignificado:

> Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os "argumentos de autoridade" já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (FREIRE, 2013, p. 69).

Aproximar-se das crianças estabelecendo uma relação de igualdade, elevar as condições que envolvem o aprender e ensinar, bem como ensinar e aprender, podem impulsionar novas descobertas e possibilidades no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Esse processo respeita a individualidade que constitui cada sujeito/a, uma vez que

> O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus polos (ou um deles) perdem a humildade. Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? (FREIRE, 2013, p. 81).

Nessa perspectiva dialógica, e tendo como referência um vídeo de Jennifer Pereira (Youtube, 2020) pintando *Paulo Freire e América Latina em aquarela*, foi adquirida uma tela para a realização de um trabalho de releitura coletiva. Para essa releitura, realizou-se uma pintura incluindo carimbo com os dedos, tinta fluorescente e neon 3D, o que possibilitou diferentes percepções visuais conforme a luminosidade.

Convém mencionar que muitas vezes a qualidade dos recursos e materiais didático-pedagógicos disponibilizados para a educação pública ainda não permitem muitas inovações no processo de ensino e aprendizagem. Assim, após a aquisição de uma tela, tintas fluorescentes, neon 3D e lanternas, foram criadas possibilidades para diferentes experiências e percepções visuais, assim como o empréstimo de tripé, que possibilitou o manuseio de acordo com as especificidades de cada criança.

Para além das cores que incidem sobre os limites territoriais, geográficos e multiculturais, as cores para a pintura foram escolhidas por crianças e adolescentes que também precisam ser estimulados/as a fazer opções considerando condições possíveis, uma vez que:

> a necessidade da invenção da unidade na diversidade. Por isso é que o fato mesmo da busca da unidade na diferença, a luta por ela, como processo, significa já o começo da criação da multiculturalidade. É preciso reenfatizar que a multiculturalidade como fenômeno que implica a convivência num mesmo espaço de diferentes culturas não é algo natural e espontâneo. É uma criação histórica que implica decisão, vontade política, mobilização, organização de cada grupo cultural com vistas a fins comuns. Que demanda, portanto, uma certa prática educativa coerente com esses objetivos. Que demanda uma nova ética fundada no respeito às diferenças (FREIRE, 1992, p. 79).

Buscando a unidade na diversidade de condições e comunicações multiculturais e sociais, realizaram-se atividades com fotos e registros de autorretrato para identificação e reconhecimento visual. Para tanto, utilizou-se espelho (de maquiagem e acrílico) e contornos com tinta relevo 3D, que brilha no escuro. Também foram impressas as letras

do alfabeto em caixa alta, coloridas com tinta fluorescente, contornadas com tinta relevo 3D, plastificadas com *polaseal* e recortadas de modo a possibilitar a cinestesia e a coordenação visomotora por meio de uma lanterna pequena.

Diante dessas vivências pedagógicas, muitas indagações se manifestaram: quais concepções de educação, mundo, sujeito/a, ensino e aprendizagem podem contribuir para o processo de democratização e humanização? De que condições educacionais cada criança ou adolescente precisa para o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento? Quais as condições necessárias para que professores/as consigam desempenhar sua função com dignidade? Qual o tipo de educação fazemos, pensamos, agimos, sentimos e defendemos? Em que medida nossos exemplos condizem com nossas palavras? Conseguimos sentir gratidão por aprendermos mais do que imaginamos com crianças e adolescentes? Quais princípios e valores são contemplados?

Essas são algumas das indagações que, mesmo no ativismo do cotidiano, precisam estar presentes em nossa prática docente. Mesmo diante da burocracia, as pessoas e suas vidas podem e devem estar em primeiro lugar. Nesse sentido, esta breve análise de trabalhos pedagógicos possibilita afirmar que ninguém se constitui isoladamente; e o que pudermos fazer hoje, para que a vida de cada pessoa seja o mais importante, redobra os sentidos na perspectiva da humanização.

Para além das características individuais de cada pessoa, seja criança, adolescente ou adulto/a, a reflexão sobre 'quem eu sou' deve ser complementada por outra: 'o que ainda pretendo ser'. Essa perspectiva nos possibilita superar tendências fatalistas e reconhecer que a deficiência é frequentemente mais influenciada pelas barreiras impostas pelo ambiente e pelas condições oferecidas do que pelas limitações individuais.

Acrescenta-se que afirmações sobre crianças e adolescentes – como 'não sabe' ou 'não faz' – podem ser transformadas e gerar um impacto positivo se as acompanharmos do advérbio *ainda*: 'ainda não sabe' ou 'ainda não faz'. Essa simples mudança de perspectiva evidencia o reconhecimento de que o aprendizado é um processo contínuo e que as capacidades podem se desenvolver com o tempo. Além disso, a falta de acesso a recursos tecnológicos atualizados, que podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, também precisa ser considerada como fator que contribui para o 'ainda não', pois:

> O professor tem o dever de dar suas aulas, de realizar sua tarefa docente. Para isso, precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. Às vezes, as condições são de tal maneira perversas que nem se move. O desrespeito a este espaço é uma ofensa aos educandos, aos educadores e à prática pedagógica (FREIRE, 1996, p. 34).

No espaço pedagógico, iniciar, participar e concluir as atividades respeitando as especificidades de cada criança e adolescente, assim como as condições materiais (entre elas, a falta de recursos tecnológicos educacionais atualizados), podem refletir no fato de que:

> A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho. É a partir deste saber fundamental: mudar é difícil, mas é possível, que vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão-de-obra técnica (FREIRE, 1996, p. 41).

As denúncias, acompanhadas de anúncios sobre novas possibilidades, são constantes nos diferentes contextos sociais; e acreditar na mudança é o sonho que pode nos mover para prosseguir em prol da democratização e humanização nas relações sociais, nas quais toda pessoa e sua vida sejam o mais fundamental. O legado das contribuições de Freire para todas as áreas do conhecimento, assim como para diferentes faixas etárias e contextos sociais é grande, e mesmo diante de nossas limitações, a democratização e a humanização precisam ser contempladas.

A ótica da democratização e da humanização

Em consonância com o pensamento de Paulo Freire, a necessidade de investir na formação humana transcende épocas e se mantém como um desafio premente na contemporaneidade. Essa necessidade se estende por todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, abrangendo todas as áreas do conhecimento e ultrapassando os espaços tradicionais de educação, alcançando o viver humano em sua totalidade, pois:

> Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de cima para baixo (FREIRE, 1996, p. 62).

Escuta e diálogo considerando a diversidade podem contribuir para a compreensão de que, nas dificuldades do processo de conhecer, há um momento de prazer e alegria intrínseco à natureza humana. O rol de dificuldades que podem se fazer presentes no processo inclusivo é amplo. Assim, é preciso evidenciar as muitas possibilidades de prazer e alegria que também estão presentes e podem emergir dos e nos trabalhos pedagógicos individuais ou coletivos. Para tanto, é fundamental trabalhar em uma perspectiva teórico-prática de democratização e humanização.

Nessa ótica, as releituras podem ser ilustradas pelas representações simbólicas produzidas pelos/as estudantes a partir da obra *Paulinho gostava de ler e escrever: Paulo Freire para crianças* (POLLI & TAVARES, 2013), representando Paulo Freire jovem, associado a animais de livre escolha das crianças, como raposas (figura 1):

Figura 1: Representação simbólica de Paulo Freire jovem

Fonte: Arquivo dos autores (2023).

As imagens acima representam diferentes possibilidades de visualização: sob efeito de luz branca, luz negra e ausência de luz. Além de expressar possibilidades de produção artística, também evidenciam a riqueza da diversidade, a partir dos múltiplos olhares e escolhas de crianças e adolescentes. Nesse sentido, na esteira do que defendia e promovia Paulo Freire, essa prática contribui, entre outras possibilidades, para o desenvolvimento da autonomia dos/das estudantes, bem como para a valorização da diversidade, tendo em vista a perspectiva da humanização. Outro exemplo se refere ao interesse em desenhar a casa de Paulo Freire, inserindo elementos como árvore, montanhas, estrada e carro, conforme expresso na figura 2:

Figura 2: Representação simbólica da casa de Paulo Freire

Fonte: Arquivo dos autores (2023).

As representações simbólicas por meio de desenhos livres que impulsionam a criatividade, assim como releituras, também podem ser objeto de estudos e análises, o que, neste momento, foge à intenção deste estudo. Contudo, vale destacar que tendo como premissa superior o respeito pela dignidade humana, as expectativas e escolhas dos/das estudantes, sempre que respeitadas, podem surpreender. Nessa perspectiva:

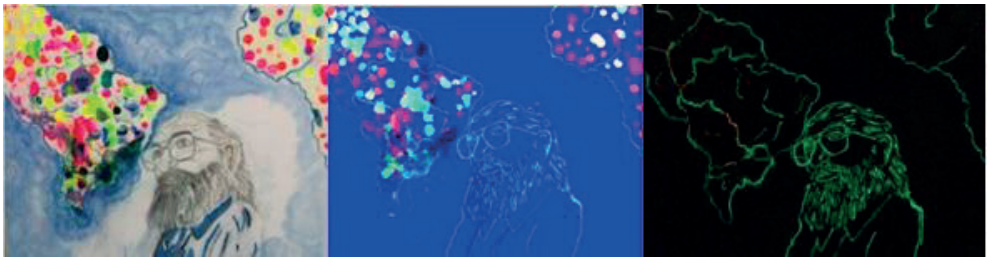
> Para diferenciar o sentido entre emancipar ou oprimir, há que se considerar que [...] é necessário investigar que práticas pedagógicas emancipam, e quais oprimem. Mapear quais práticas humanizam e quais desumanizam. Observar as posturas docentes que imprimem horizontalidade ou verticalidade às relações (SOUZA, OLIVEIRA & MACEDO, 2022, p. 268).

Investigar e redimensionar as próprias práticas pedagógicas visando atitudes que contribuam para o processo de democratização e humanização implica buscar alternativas que proporcionem abertura para o diálogo e o respeito, sempre mútuo, quanto às responsabilidades pedagógicas e à constância de crianças, adolescentes e adultos/as que anseiam por novas possibilidades e recursos, pois:

> Nunca um acontecimento, um fato, um feito, um gesto de raiva ou de amor, um poema, uma tela, uma canção, um livro, tem por trás de si uma única razão. Um acontecimento, um fato, um feito, uma canção, um gesto, um poema, um livro, se acham sempre envolvidos em densas tramas, tocados por múltiplas razões de ser de que algumas estão mais próximas do ocorrido ou do criado, de que outras são mais visíveis enquanto razão de ser. Por isso é que a mim me interessou sempre muito mais a compreensão do processo em que e como as coisas se dão do que o produto em si (FREIRE, 1992, p. 09).

Assim, ao buscar redimensionar práticas pedagógicas é preciso considerar as múltiplas razões imbricadas que poderão incidir nas possibilidades de releituras, de maneira a valorizar o processo na sua totalidade e não apenas os resultados alcançados ou almejados. Nesse sentido, os desenhos apresentados na figura 3 expressam escolhas criativas individuais, mas que também guardam relações com a coletividade.

Figura 3: Releitura de *Paulo Freire e América Latina em aquarela*, de Jennifer Pereira



Fonte: Arquivo dos autores, 2023.

Nesse contexto, atividades pedagógicas que promovam releituras individuais e coletivas, evidenciando a riqueza e a sensibilidade inclusiva da diversidade, podem ser aplicadas em diferentes contextos educacionais. Um exemplo desse tipo de atividade – que pode ser considerada uma homenagem a Paulo Freire e ao trabalho de Jennifer Pereira –, possibilitou que cada escolha de cores refletisse ações individuais e evidenciasse a coletividade que contribui para a individualidade (e vice-versa), pois:

> Assim como inexiste disciplina no autoritarismo ou na licenciosidade, desaparece em ambos, a rigor, autoridade ou liberdade. Somente nas práticas em que autoridade e liberdade se afirmam e se preservam enquanto elas mesmas, portanto no

> respeito mútuo, é que se pode falar de práticas disciplinadas como também em práticas favoráveis à vocação para o ser mais (FREIRE, 1996, p. 46).

O processo de consolidação do respeito mútuo exige de cada pessoa reflexões que incidam na coletividade. Nesse sentido, os pressupostos da concepção freiriana continuam atualíssimos, pois incluem aprender a pensar autonomamente, o desenvolvimento do raciocínio lógico, leitura e escrita, a capacidade de trabalhar individual e coletivamente de forma articulada e contextualizada no processo de 'ser mais', ou seja, mais humanos/as, mais sujeitos/as do conhecimento que humaniza no complexo, intenso e desafiador mundo da educação.

A disponibilidade e abertura a novas possibilidades de aprendizagem e a busca pelo conhecimento, em um contexto educacional criativo e provocador, implica também reconhecer que "sabendo que sabe, sabe que sabe pouco e que precisa e pode saber mais. Essa não é uma curiosidade que tenha quem se saiba abarrotado de saber" (FREIRE, 1992, p. 97).

Ainda há muito a ser aprimorado no que diz respeito às condições necessárias para trabalhar um currículo significativo, no qual a aprendizagem ocorra de fato e com significado. A busca por aproximar-se cada vez mais dos anseios de crianças e adolescentes, atribuindo função social humanizadora e libertadora às atividades pedagógicas, elevando o grau de consciência, é um desafio constante:

> Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores. Se há algo que os educandos brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação inclui que a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte (FREIRE, 1996, p.34).

A defesa da dignidade em todos os momentos da prática pedagógica também impulsiona o reconhecimento e o respeito, pois estabelece um vínculo relacional com os/as estudantes. Isso é muito diferente de um simples contato, pois envolve conhecê-los/las e, para tanto, o número de crianças que podem frequentar uma turma, principalmente no âmbito da educação básica, torna-se algo fundamental.

> Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. Por isto inexiste esta confiança na antidialogicidade da concepção "bancária" da educação (FREIRE, 2013, p. 82).

Todos/as os/as estudantes, entendendo-se sua individualidade e a coletividade, requerem trabalhos pedagógicos específicos, dada a natureza de seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Evidencia-se nesse sentido a singularidade da prática educativa

humanizadora, uma vez que a padronização e a imposição de modelos convergem para a concepção bancária de educação denunciada por Freire.

Defende-se que a noção de amor precisa estar presente na definição das políticas públicas educacionais que se pretendem inclusivas, e que se repense o número de crianças atendidas e o que elas precisam para o seu pleno desenvolvimento. Condições adequadas ou, no mínimo, adaptadas, de qualidade social, ainda precisam ser amplamente discutidas.

> A confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. Não pode existir, se a palavra, descaracterizada, não coincide com os atos. Dizer uma coisa e fazer outra, não levando a palavra a sério, não pode ser estímulo à confiança. Falar, por exemplo, em democracia e silenciar o povo é uma farsa. Falar em humanismo e negar os homens é uma mentira (FREIRE, 2013, p. 82).

Essa noção de amor também se relaciona com o que Paulo Freire orienta sobre falar *com* e, não apenas falar *de* ou *para*. A partir dessa compreensão, procurou-se nesta proposta prática estabelecer um vínculo relacional respeitoso com cada criança, adolescente e adulto/a, em busca de possibilidades para um diálogo efetivo, respeitando-se expressões, interesses e valorizando as produções e estimulando a participação. Isso porque "o diálogo, como encontro dos homens para a 'pronúncia' do mundo, é uma condição fundamental para a sua real humanização" (FREIRE, 2013, p. 135).

Esse processo pela busca da real humanização também implica na consideração de que "ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos" (FREIRE, 2001, p.40). Desse modo, ainda que possamos incorrer em equívocos, o que se busca com planejamento e ações teórico-práticas é a superação gradativa desses equívocos. Assim, o trabalho que vem sendo realizado não *é*, mas *está sendo*.

Mesmo diante das frustrações decorrentes da escassez de recursos, a persistência da crença na função social humanizadora e libertadora da educação para nos emancipar enquanto seres humanos é fundamental. Nada se produz isoladamente e seria um equívoco distanciar-se da intenção educativa de todas as pessoas que trabalham todos os dias nos diferentes contextos educacionais, cumprindo seu dever de educar e educar-se, evitando qualquer abordagem preconceituosa. Nesse sentido, vale lembrar aqui a atitude fenomenológica que propõe a suspensão dos pré-juízos, dos preconceitos, para analisar os fenômenos da maneira como eles se manifestam à consciência.

> A fenomenologia representa um método de investigação do real que procura descrever o fenômeno estudado para captar sua essência, bem como seus sentidos e significados. Para isso, é preciso ir além do que se apresenta à primeira vista (MOSER & LOPES, 2016, p. 111).

A própria filosofia da educação de Freire "tem como base o idealismo e se fundamenta no método fenomenológico, através da tendência existencialista cristã, numa

perspectiva metodológica dialética" (ZANELLA, 2010, p. 119). Contudo, é preciso destacar que "no plano educacional, incorpora parte das contribuições do pragmatismo de Dewey. Mas toda esta filosofia se dá numa perspectiva crítica. É quando Paulo Freire utiliza parte das 'contribuições de Marx' para fazer a crítica ao liberalismo" (ZANELLA, 2010, p. 119).

Assim, a necessidade de compreender a essência do ser humano, indo além de impressões superficiais, e de construir relações que possibilitem aprendizados em diversos contextos, desafia-nos a romper com modelos elitistas. A padronização abre espaço para o respeito e a diversidade na gestão e docência, abrangendo todos os/as colaboradores/as das unidades educacionais, que diariamente contribuem para a ação e a reflexão.

> Mãos que, em grande medida, nos fizeram. Quanto maior se foi tornando a solidariedade entre mente e mãos, tanto mais o suporte foi virando mundo e a vida, existência. O suporte veio fazendo-se mundo e a vida, epistêmica, na proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não "espaço" vazio a ser enchido por conteúdos (FREIRE, 1996, p. 27).

Ao nos construirmos por meio de diversas interações, nas quais também podemos contribuir com nossas histórias de vida, as relações sociais se transformam. Nesse processo de transformação individual e coletivo, o diálogo é o instrumento fundamental que impulsiona mudanças, evidenciando curiosidades, interesses, decisões, autonomia, descobertas e novas possibilidades de ensino e aprendizagem. Por isso, para Freire:

> Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender (FREIRE, 1996, p. 11).

A perspectiva da humanização, presente na concepção freireana da educação, revela que o aprendizado é anterior ao ensino, e que se concretiza na vivência do aprender. Enquanto processo, o sonho pela humanização se torna cada vez mais necessário nos diferentes contextos sociais atuais, marcados por conflitos bélicos, genocídios, discursos de ódio, preconceitos, desigualdade extrema, entre outras mazelas que tanto fazem clamar por justiça e paz.

> O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz (FREIRE, 1992, p. 51).

Quanto ao que aqui foi apresentado na forma de relato de experiência, espera-se que seja uma singela contribuição, ao mesmo tempo em homenageia Paulo Freire com

trabalhos de crianças e adolescentes com necessidades educacionais especiais, conduzidos/as por docentes comprometidos/as com a ética universal do ser humano, para que esse sonho de humanização se concretize.

Considerações finais

A partir de uma indagação feita por alguma criança ou adolescente, muitas outras podem surgir; e quando se tem abertura para a escuta, as possibilidades de relações dialógicas se ampliam. Assim, novas formas de abordagem no processo de ensino e aprendizagem surgem, acarretando novos desafios. Nesse processo, o diálogo, conforme procurou-se destacar, é um instrumento fundamental para que uma proposta educacional humanizadora se concretize.

Ao fim e ao cabo deste relato, convém destacar que, para nossa surpresa, as próprias crianças e os/as adolescentes estavam contando e/ou recontando a história de Paulo Freire para outras pessoas. Cada um/uma de seu jeito, identificou e reconheceu nele características de seus pais, do avô ou mesmo tataravô. A partir de uma introdução envolvendo a biografia de Paulo Freire, com livros e vídeos, entre outros recursos, os interesses se ampliaram, incluindo pedidos envolvendo diferentes formas de linguagem: ouvir a voz de Paulo Freire, desenhar, perguntar, presentear, pesquisar. Também a nossa curiosidade, muitas vezes do senso comum, começou a sinalizar a necessidade e a importância da superação de bases epistemológicas frágeis do ponto de vista da democratização e da humanização das relações sociais.

As possibilidades existentes na concepção freiriana são necessárias. No entanto, ainda há vários obstáculos a serem superados, podendo-se destacar o apego a determinadas metodologias, principalmente a de registros diários e sistemáticos exigidos pelo sistema educacional que, muitas vezes, ainda desconsidera aquilo que as crianças e os/as adolescentes realmente necessitam, representando apenas parte da complexidade que envolve o processo de ensino e aprendizagem. Respeitar, dar o tempo de espera necessário para cada estudante, assim como disponibilidade e abertura para a escuta e diálogo, ideias, sugestões e produção de materiais que contemplem a individualidade e coletividade também configura um desafio contínuo.

Seja no aspecto intelectual, emocional, físico ou sensorial, pode-se argumentar que a concepção freiriana, porque inclusiva, quando trabalhada desde os anos iniciais da educação básica, modalidade de educação especial, por meio do atendimento educacional especializado, oferece múltiplas contribuições e pode surpreender ao impulsionar novas formas de ação e reflexão, colaborando para um processo fundamentado no legítimo respeito à dignidade humana em sua diversidade concreta.

Diante do longo e inacabado caminho formativo que envolve o processo de ensino e aprendizagem, a introdução das contribuições de Paulo Freire no trabalho pedagógico com crianças e adolescentes torna-se um dos caminhos possíveis para a democratização e a humanização das relações sociais na modalidade de educação especial da educação básica pública.

Recebido em: 07/12/2023; Aprovado em: 17/02/2025.

Notas

1 Para tanto, foi encaminhado por meio do WhatsApp o seguinte texto: "Olá! Precisamos de uma amostra para um texto que está sendo elaborado para aprofundamento de estudos. Desculpa o incômodo e, se puderem contribuir com duas respostas breves (sim) ou (não), será muito válido. Nenhum e-mail está sendo coletado e nem nomes, somente as questões com respostas. Gratidão imensa".

Referências

BERINO, Aristóteles de Paula. Paulo Freire Esteta: arte, fotografia e cinema. *e-Mosaicos*, *[S. l.]*, v. 6, n. 13, p. 182–192, 2017. DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.30478. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/30478>. Acesso em: 28 out. 2023.

BRASIL. *Emenda constitucional nº 45, de 30 de dezembro de 2004*. Altera dispositivos dos artigos 5º, 36, 52, 92, 93, 95, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 107, 109, 111, 112, 114, 115, 125, 126, 127, 128, 129, 134 e 168 da Constituição Federal, e acrescenta os arts. 103-A, 103B, 111-A e 130-A, e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc45.htm>. Acesso em: 27 fev. 2025.

BRASIL. *Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012*. Declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12612.htm>. Acesso em: 04 out. 2022.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança:* um reencontro com a pedagogia do oprimido. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/10.-Pedagogia-da-Esperan%C3%A7a.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022>. Acesso em: 04 out. 2022.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d›água, 1997.

FREIRE, Paulo. *Política e educação: ensaios*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MENEZES, Mirele Firmino. *História (para crianças) da biografia de* Paulo Freire. Youtube, 15 de ago. de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3SpfuDYbHYM. Acesso em: 05 jun. 2023.

MOSER, Alvino & LOPES, Luís Fernando. *Para compreender a teoria do conhecimento.* Curitiba: Intersaberes, 2016.

PEREIRA, Jennifer. *Paulo Freire e América Latina em aquarela.* Youtube, 24 de dez. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w5JGlNq6W_w>. Acesso em: 31 ago. 2023.

POLLI, José Renato & TAVARES, Gustavo. *Paulinho gostava de ler e escrever: Paulo Freire para crianças*. Jundiaí: In House, 2013.

SOUZA, Glória Maria Anselmo; OLIVEIRA, Gisele Coelho de & MACEDO, Fernanda Pinheiro de. Educação da primeira infância e atuação docente na perspectiva freireana: a prática docente amorosa de Paulo Freire permeando as infâncias. *Formação em Movimento*. *[S. l.]*, v.4, i.1, n.8, p. 252-271, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrrj.br/index.php/formov/article/view/214>. Acesso em: 21 out. 2023.

ZANELLA, José Luiz. Considerações sobre a filosofia da educação de Paulo Freire e o marxismo. *Quaestio - Revista de Estudos em Educação*, Sorocaba, v. 9, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/170>. Acesso em: 20 fev. 2025.